



DOI: [10.5216/rpp.v17i1.61726](https://doi.org/10.5216/rpp.v17i1.61726)

EDUCAÇÃO

DOSSIÊ EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A EMERÊNCIA DE NOVAS EPISTEMOLOGIAS

BONECAS NEGRAS NO AUXÍLIO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE CRIANÇAS NEGRAS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

BLACK DOLLS IN THE AID OF THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF BLACK CHILDREN IN THE SCHOOLS OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION

MUÑECAS NEGRAS Y SU CONTRIBUCIÓN PARA LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DE NIÑAS/OS NEGRAS/OS EN ESCUELAS DE EDUCACIÓN INFANTIL

Alessandra Cristina de Carvalho¹ <https://orcid.org/0000-0002-2895-2826>

Mônica de Ávila Todaro² <https://orcid.org/0000-0003-2463-7382>

RESUMO

A presente pesquisa foi movida a partir da indagação sobre a existência ou não de bonecas negras nas escolas de Educação Infantil. Como a escola se constitui em um espaço de interação entre diferentes sujeitos, acreditamos que a ausência ou presença destes artefatos culturais podem impactar na construção da identidade de crianças negras. O trabalho buscou relacionar a literatura científica sobre o tema, com os dados de uma pesquisa de campo realizada nas escolas públicas de São João del-Rei (Minas Gerais). A pesquisa teve como fundamentação teórica os estudos de Munanga (2002), Gomes (2010), Dornelles e Marques (2015), Wallon (1995), Brougère (2006) e Freire (1993). Os resultados revelaram que é pequeno o número de bonecas negras presentes nas escolas de educação infantil. De um total de 134 bonecas, encontradas nas salas de aula de crianças de cinco anos, nas dez escolas investigadas, apenas 14% eram negras. Concluiu-se que, para construir uma identidade negra desde a infância, as escolas de educação infantil precisam oferecer oportunidades para o processo de formação da personalidade e construção da consciência de si, atentando-se para a diversidade étnico-racial.

Palavras-chave: Bonecas negras. Educação infantil. Identidade negra.

¹ Universidade Nove de Julho – UNINOVE – edusantos1959@gmail.com

² Universidade Nove de Julho – UNINOVE – manuel.tavares@outlook.com.br

Abstract: The present research was based on the question about the existence or not of black dolls in the schools of Early Childhood Education. Since the school constitutes a space of interaction between different subjects, we believe that the absence or presence of these cultural artifacts can impact the construction of the identity of black children. The work sought to relate the scientific literature on the subject, with the data of a field research carried out in the public schools of São João del-Rei (Minas Gerais). The research was based on theoretical studies by Munanga (2002), Gomes (2010), Dornelles and Marques (2015), Wallon (1995), Brougère (2006) and Freire (1993). The results showed that the number of black dolls present in preschools is small. Of a total of 134 dolls found in the classrooms of five-year-olds in the ten schools investigated, only 14% were black. It has been concluded that, in order to build a black identity from childhood, early childhood education schools need to offer opportunities for the process of personality formation and self-awareness, with a view to ethnic-racial diversity.

Keywords: Black dolls. Child education. Black identity.

Resumen: La presente investigación fue promovida a partir de la indagación acerca de la existencia o falta de muñecas negras en escuelas de Educación Infantil. Como la escuela se constituye en un espacio de interacción de distintos sujetos, creemos que la ausencia o presencia de esos artefactos culturales pueden impactar en la construcción de la identidad de niñas/os negras/os. El trabajo buscó relacionar la literatura científica sobre el tema con datos de una investigación realizada en escuelas públicas de São João del-Rei (Minas Gerais). La investigación tuvo como fundamentación teórica estudios de Munanga (2002), Gomes (2010), Dornelles y Marques (2015), Wallon (1995), Brougère (2006) y Freire (1993). Los resultados revelan que es pequeña la cantidad de muñecas negras presentes en las escuelas de educación infantil. De un total de 134 muñecas, encontradas en los salones de clase de niñas/os con cinco años, en las diez escuelas investigadas, solamente 14% de muñecas eran negras. Se concluye que, para construir una identidad negra desde la niñez, las escuelas de educación infantil necesitan ofrecer oportunidades para el proceso de formación de la personalidad y construcción de la conciencia de sí, considerando la diversidad étnico-racial.

Palabras clave: Muñecas negras. Educación infantil. Identidad negra.

Data de submissão 24/11/2019

Data de aprovação 11/12/2019

Introdução

O Brasil apresenta imensa diversidade regional, racial e cultural. Devido ao período da escravidão, quando milhares de negros foram forçosamente tirados de seus locais de origem para serem escravizados, o País possui hoje significativo número de afro-descendentes. Após anos do fim legal da escravidão, percebe-se que ainda ocorrem práticas racistas, discriminação racial e preconceito.

No Brasil, segundo Munanga (1996), criou-se o mito da democracia racial, na qual o senso comum acredita que práticas racistas ocorrem raramente, em casos isolados. Há também concepções de que o racismo está ligado às questões sociais. Gomes (2010), porém, defende que o racismo e a discriminação racial continuam persistindo e vão além da questão social, pois quando ocorre a ascensão de pessoas negras, estas continuam a sofrer preconceito e discriminação. A autora afirma:

a intensa miscigenação racial e cultural brasileira, uma das características da nossa diversidade cultural, não está devidamente representada nos diversos setores da sociedade, sobretudo, nos postos de comando, nos meios acadêmicos, nos primeiros escalões da política e nem na composição das camadas médias. No caso dos negros, mesmo quando estes conseguem algum tipo de ascensão social, não deixam de viver situações de racismo e de serem tratados com desconfiança, como um incômodo (GOMES, 2010, p. 101).

Desse modo, cabe refletir sobre como a escola, espaço de interação entre diferentes sujeitos, tem se articulado e posicionado diante dessa realidade. Segundo Arroyo (2010),

O racismo é visto como um problema cultural, moral, de mentalidades, logo seu combate passa a ser caracterizado como uma intervenção educativa, pedagógica e, conseqüentemente, dar ênfase em intervenções no sistema escolar, visto como um dos espaços educativos por excelência, como um espaço pedagógico e cultural, capaz de mudar imaginários, valores, culturas e condutas (p. 113).

De acordo com Gomes (2010), a fim de desconstruir ideologias e práticas racistas é preciso criar oportunidades iguais para negros e brancos, possibilitando o contato com a diferença. A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, construção e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas (GOMES, 2003, p. 77). A escola possui potencial para ser um importante local onde essas ideias e concepções podem ser também superadas.

O Movimento Negro no Brasil, criado na década de 80, tem lutado por direitos iguais entre brancos e negros, para o fim do racismo e da discriminação racial. O Movimento Negro “tem construído, historicamente, com seus próprios recursos e articulações, projetos educativos de valorização da cultura, da história e dos saberes construídos pela comunidade negra, que caminham – às vezes articulados e outras não – com as escolas e poder público” (GOMES, 2010, p. 105). Desse modo, o Movimento Negro percebe na escola, espaço de formação humana, com grande potencial para a igualdade racial. E ainda, tem como marca construir novas interpretações para a história dos africanos, imprescindível para compreender a realidade do povo brasileiro, rompendo com a romantização da colonização e a padronização eurocêntrica.

Um grande avanço político no Brasil foi a aprovação da Lei 10.639/03, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas, do ensino fundamental até o ensino médio. Como afirma Rosemberg (2012), a lei foi importante para o campo das relações raciais na educação, trazendo uma forma de reconhecimento da identidade negra, porém restringe-se apenas ao ensino fundamental e médio. A autora questiona sobre a educação infantil não ser incluída nas discussões étnico-raciais, visto que as crianças de 4 e 5 anos já possuem algum tipo de conceituação ou identificação racial.

Os documentos que norteiam a educação infantil apontam a importância da construção de identidade pela criança, sendo um direito reconhecido legalmente.

A Constituição Federal, a Convenção sobre os Direitos da Criança: a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a LDB alterada pela Lei 10639/03 –, que tratam a identidade como elemento de constituição da criança, fundamental para seu desenvolvimento pleno, essencial para assegurar seu bem-estar, e, em última instância, sua saúde integral (ROSEMBERG, 2012. p. 99).

Munanga (1996) afirma que “a alienação do negro tem se realizado pela inferiorização do seu corpo antes de atingir a mente, o espírito, a história e a cultura” (p. 17). Logo, torna-se indispensável que, também na educação infantil, seja abordada a questão do corpo negro, das diferenças para a construção da identidade das crianças, que parte da aceitação dos atributos físicos.

Brincadeiras e brinquedos como artefatos culturais

A Educação Infantil é a fase na qual a brincadeira é a principal atividade realizada pela criança. Recorremos às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) para a compreensão da criança como

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (p. 12).

Em muitas brincadeiras, as crianças fazem uso de brinquedos. Compreendemos os brinquedos numa perspectiva de construção cultural e social, ou seja, seus usos e sentidos variam de acordo com o contexto social, econômico e cultural. Os brinquedos podem ser considerados, portanto, artefatos culturais.

Para Brougère (2010), o brinquedo é um objeto, o qual fornece valores e normas, mediadores históricos e culturais da brincadeira. Escolhemos analisar nas escolas a existência de bonecas, pois elas, como outros brinquedos, podem ser consideradas como um objeto mediador entre um mundo adulto e infantil, ou seja, as bonecas são escolhidas e oferecidas às crianças pelos adultos, de acordo com sua cultura e percepção sobre a criança (BROUGÈRE, 2010).

A existência de bonecas com características específicas, e/ou a ausência de diversidades de perfis, podem influenciar na maneira como a criança constrói sua leitura de mundo e de si mesma. Como demonstra Sabat, “sujeitos consomem não só mercadorias como também valores que estabelecem como deve ser o corpo, como devemos nos vestir, quais comportamentos valorizar, isso tudo não somente através das marcas de gênero, como também de raça/etnia, classe, geração” (SABAT, 2003, p. 153).

Dornelles e Marques (2015) afirmam que quando se encontra uma boneca negra no mercado, ela é reconhecida por sua excentricidade ou como um objeto de coleção, assim, produzida em baixa escala tendo um custo aquisitivo alto, logo, “tal prerrogativa nos faz constatar como as crianças e seus brinquedos também estão imersos em um jogo de poder em que não somos todos iguais” (DORNELLES; MARQUES, 2015, p. 114).

No Brasil, como defende Munanga (1996), as formas de preconceito, desde o fim da escravidão, apresentam-se de maneiras sutis e veladas, pois a sociedade encobre seus atos discriminatórios. Assim, o fato de as crianças brincarem apenas com bonecas de cor branca em seu cotidiano, inclusive na escola, pode estar ligado às concepções sobre a raça negra, evidenciando ou negando sobre o “ser negro”. Desse modo, limitar as crianças a brincarem apenas com um perfil de boneca – branca, olhos claros, traços faciais finos e cabelos lisos – contribui para a construção de concepções sobre etnia e raça, afirmando, ainda que implicitamente, diferenças sociais ligadas às diversidades raciais.

“A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importante que outras, especialmente em lugares particulares e momentos particulares” (WOODWARD, 2000). Quando, de algum modo, enfatiza-se apenas um estereótipo para as bonecas, evidencia-se a naturalização de um perfil único para todos os indivíduos, desvalorizando, rejeitando e desprezando as demais particularidades dos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade. Portanto, naturaliza-se a “suposta” superioridade da cor da pele branca frente à negra.

As crianças podem usar as bonecas para representarem as leituras de mundo que possuem, suas vivências e percepções da sociedade e de si mesmas. Por meio das brincadeiras, vão construindo, consolidando e naturalizando possíveis julgamentos, noções e conceitos sobre as relações instituídas socialmente. A partir de tais considerações, questiona-se quais podem ser os impactos e implicações na construção da identidade das crianças ao brincarem apenas

com bonecas brancas que possuem características europeias, principalmente no Brasil, um país repleto de diferenças raciais, culturais e sociais.

Há a necessidade de gerar espaços para as diversidades, principalmente nos ambientes escolares. Mas percebe-se que a escola apresenta dificuldades em encarar a pluralidade e, assim, silencia e neutraliza as diferenças, talvez por julgar ser mais confortável a homogeneização e a padronização dos sujeitos.

A pesquisa como denúncia e anúncio

As questões que nos moveram a pesquisar foram: Há bonecas negras nas escolas públicas de educação infantil de São João del-Rei-MG? Se há, quantas são e quais são as características de tais bonecas?

O objetivo geral foi: Identificar a existência (ou ausência) de bonecas negras nas escolas públicas de educação infantil de São João del-Rei – MG. Os objetivos específicos, foram: levantar e analisar a literatura científica sobre o tema; verificar a existência (ou não) de bonecas negras nas salas de aula das crianças de 5 anos, das escolas municipais de Educação Infantil de São João del-Rei – MG; apresentar as características das bonecas negras encontradas.

A investigação se enquadrou na perspectiva da pesquisa bibliográfica e do estudo de campo. As questões étnico-raciais e a existência de bonecas negras nas escolas tiveram como fundamentação teórica os estudos de Munanga (2002), Gomes (2010), Dornelles e Marques (2015), Wallon (1995), Brougère (2006), entre outros.

O primeiro procedimento metodológico foi o levantamento da literatura científica apontando suas especificidades e contribuições para as pesquisas étnico-raciais na educação infantil. Em um segundo momento, foram averiguados os números de bonecas existentes nas escolas, e ainda, as características físicas das bonecas, às quais as crianças de 5 anos tinham acesso.

Escolhemos essa faixa etária considerando os estágios definidos por Wallon (1995), nos quais as crianças de 3 a 6 anos realizam o processo de formação da personalidade. Com 5 anos, de acordo com o autor, a criança está construindo a consciência de si, já é capaz de se reconhecer como sujeito diferente dos demais, em um processo que ocorre por meio das interações sociais realizadas com os demais sujeitos e como contexto cultural e social no qual está inserida.

Foi elaborado um instrumento de coleta de dados como referência sobre alguns itens do quadro para análise do brinquedo criado por Brougère (2010), bem como outros pontos que julgamos importantes a fim de avaliar as bonecas encontradas.

A partir dos dados coletados nas escolas e da literatura bibliográfica levantada, estabeleceu-se uma relação entre estes, e o material foi “organizado e categorizado segundo critérios relativamente flexíveis e previamente definidos, de acordo com os objetivos da pesquisa” (DUARTE, 2002, p. 151).

Foram visitadas dez escolas municipais de São João del-Rei, no estado de Minas Gerais; uma das escolas não possuía nenhuma boneca, nem branca, nem negra. Foram encontradas em salas de aula de crianças de cinco anos, 134 bonecas, sendo negras apenas 14%. O gráfico abaixo mostra o número de bonecas brancas e negras em cada escola.

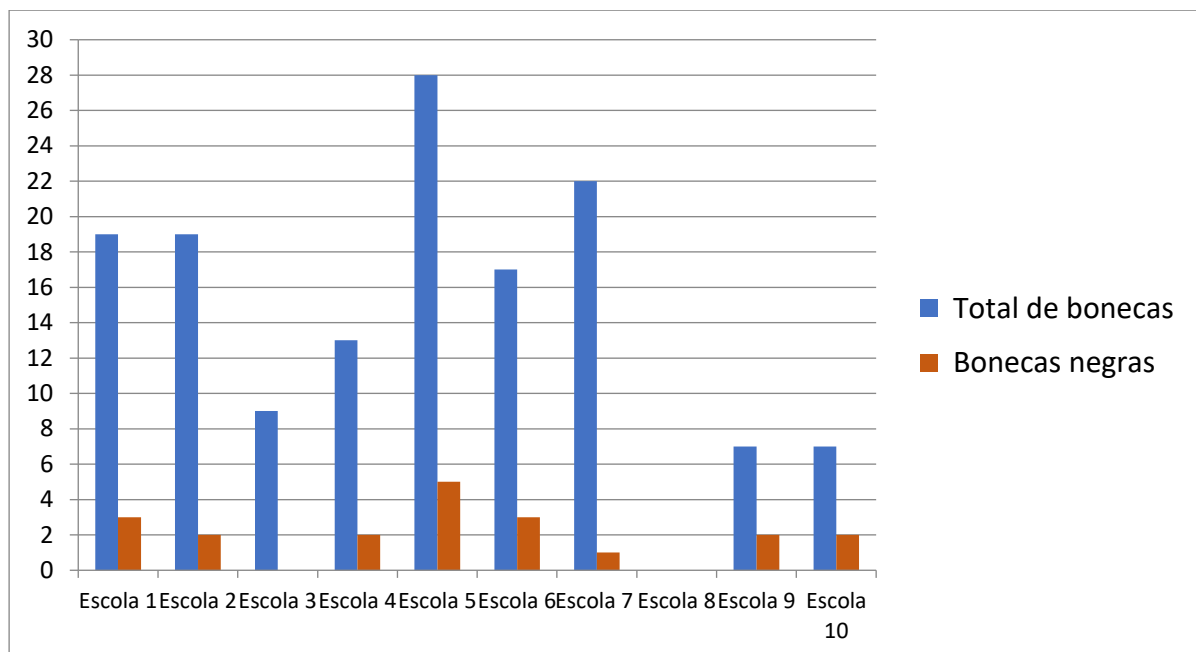


Gráfico 1 – Quantidade de bonecas brancas e negras nas escolas: Escola 1 - E. M. Parada do Giarola; Escola 2 - E. M. Carlos Damiano Fuzatto; Escola 3 - E. M. Polichinelo; Escola 4 - E. M. Elídio Ramalho; Escola 5 - E. M. Dr. Kleber Vasques Filgueiras; Escola 6 - E. M. Bárbara Heliadora; Escola 7 - E. M. Celso Raimundo; Escola 8 - E. M. Menino Jesus; Escola 9 - E. M. Bom Pastor; Escola 10 - E. M. Cantinho da Alegria.

Fonte: As autoras.

O número de bonecas negras é consideravelmente inferior ao número de bonecas brancas. Outro ponto relevante a se destacar diz respeito às características das bonecas. Das vinte bonecas negras encontradas, nove delas possuíam olhos castanhos claros, três possuíam olhos azuis, uma olhos verdes e sete possuíam olhos pretos. Sabe-se que a maioria das pessoas negras possuem os olhos escuros, mas a maioria das bonecas encontradas tinham olhos claros, fato incoerente com o fenótipo das pessoas negras.

Pode-se questionar se essa não seria uma maneira, mesmo representando um indivíduo negro, de não realçar os seus traços. Essas bonecas apresentam pontos que evidenciam a desvalorização dos traços físicos dos negros, contribuindo para a manutenção da ideologia eurocêntrica de superioridade das pessoas brancas diante das negras.

Ao pensarmos no sujeito como ativo no mundo, que constrói sua história, como afirma Paulo Freire (1993), percebemos como as crianças negras estão sujeitas a um processo histórico e social que excluiu a leitura de seus corpos.

Minha presença no mundo, com o mundo e com os outros implica o meu conhecimento inteiro de mim mesmo. E quanto melhor me conheço nesta incerteza, tanto mais possibilidade terei de, fazendo História e por ela sendo feito, como ser no mundo, a “leitura” de meu corpo como a de qualquer outro humano implica a leitura do espaço (p. 48).

Considerações finais

Até os dias atuais, nenhuma literatura descreve o nascimento de uma criança previamente racista. Porém, suas ações e reações sofrem influências de um contexto. Cabe à escola, vista como um dos espaços educativos, mudar imaginários, valores, culturas e condutas.

Nossa análise leva-nos a considerar que, uma criança negra que não possui referências às suas origens, desde a Educação Infantil, evidenciadas pelos brinquedos, em sua maioria compostos por bonecas brancas que não se parecem com ela, pode apresentar dificuldades no

conhecimento de si mesma e na construção de sua história enquanto sujeito negro em um espaço que valoriza e ressalta apenas as características de pessoas brancas.

Conclui-se que, para construir uma identidade negra desde a infância, as escolas de educação infantil precisam oferecer oportunidades para o processo de formação da personalidade e construção da consciência de si, atentando-se para a diversidade étnico-racial.

Na crença de que nosso estudo possa inspirar outros pesquisadores da área, e na certeza de que o tema não se esgotou, pretendemos prosseguir nos aprofundando nesse objeto de investigação para fazer dele motivo de denúncia e, se possível, de anúncio de tempos melhores para a Educação Infantil.

Referências

ARROYO, M. A Pedagogia multirracial popular e o sistema escolar. In: GOMES, N. L. *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 111-130.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília, 2010.

BROUGÈRE, G. *Brinquedo e Cultura*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DORNELLES, L. V.; MARQUES, C. M. Pedagogias da racialidade: modos de se constituir crianças negras em escolas de educação infantil do Brasil. *Propuesta educativa* (Online), Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 43, p. 113-122, jun. 2015. Disponível em: <http://www.propuestaeducativa.flacso.org.ar/articulo.php?id=49&num=43>. Acesso em 01 de Abril de 2019.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 115, p. 139-154, março de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf> Acesso em 01 de Abril de 2019.

FAZZI, R. C. *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREIRE, P. *Professora sim, tia não, Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D' água; 1993.

GOMES, N. L. *Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo* 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

KAERCHER, G. E. P. S. *O mundo na caixa: gênero e raça no Programa Nacional Biblioteca Escola 1999*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MUNANGA, K. As facetas de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, L. M.; QUEIROZ, R. S. (org.) *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP: Estação Ciência, 1996.

QUEIROZ, N. L. N. de; MACIEL, D. A.; BRANCO, A. U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paideia*, v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 set. 2017.

ROSEMBERG, F. *A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais*. In. BENTO, M. A. S. (org.) Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEER T, 2012. p. 11 – 41.

SABAT, R. Gênero e sexualidade para consumo. In. LOURO. G. L.; NECKEL, J. F.; GOELINER, S. V. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.